

A POESIA É A RUA: O GRAFFITI COMO MODELO POÉTICO E POLÍTICO PARA E. M. DE MELO E CASTRO

POETRY IS THE STREET: GRAFFITI AS A POETIC AND POLITICAL MODEL FOR E. M. DE MELO E CASTRO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v16i32p214-226>

Augustto Corrêa Cipriani ¹

RESUMO

Em seu artigo “Pode-se escrever com isto” (1977), Ernesto de Melo e Castro apresenta e analisa dezenas de graffiti compostos entre 1974 e 1975, que refletem o momento político de Portugal nos fins do Estado Novo. Melo e Castro compreende tal “explosão de visualismo” como uma forma de vanguarda artística em desenvolvimento. Embora geralmente produzidos por militantes de partidos políticos, Melo e Castro propõe uma leitura semiológica dos signos verbais e visuais, vislumbrando formas alternativas de poética e de política no graffiti. Desse modo, em diálogo com perspectivas dos estudos de graffiti, este artigo propõe delinear as maneiras como o graffiti se apresenta como modelo vanguardista de poética e política para Melo e Castro.

PALAVRAS-CHAVE

E. M. de Melo e Castro; Graffiti; Poesia experimental.

ABSTRACT

In his article “One can write with this”, Ernesto de Melo e Castro presents and analyzes dozens of graffiti that were composed between 1974 and 1975, which reflect Portugal’s political moment at the end of the Estado Novo. Melo e Castro understands such “explosion of visualism” as a developing form of artistic avant-garde. Although generally produced by political party militants, Melo e Castro proposes a semiological reading of verbal and visual signs, glimpsing alternative forms of poetics and politics in graffiti. Thus, in dialogue with perspectives of graffiti studies, this article proposes to delineate the ways in which graffiti presents itself as an avant-garde model of poetics and politics for Melo e Castro.

KEYWORDS

E. M. de Melo e Castro; Graffiti; Experimental poetry.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

O paleógrafo Armando Petrucci (1985), embora não trate de graffiti propriamente dito, propõe um conceito de escrita que auxilia a compreender seu papel político. Para ele, que pesquisa a escrita nas cidades romanas, tanto as inscrições formais, criadas pelo poder estatal, quanto as informais são formas de “escrita exposta”, que são “qualsiasi tipo di scrittura concepito per essere usato, ed effettivamente usato, in spazi aperti, o anche in spazi chiusi, al fine di permettere una lettura plurima (di gruppo o di massa) ed a distanza di un testo scritto su di una superficie esposta” (Petrucci, 1985, p. 88). Portanto, ao instaurar-se no espaço público, as inscrições passam a integrar o discurso público, seja ao escrever seu nome e afirmar sua identidade, seja ao interagir e interferir nas inscrições de outrem. A escrita exposta clama pela leitura dos cidadãos e, portanto, disputa o espaço da *polis*, instaura-se como um corpo estranho em meio às inscrições formais e já codificadas da cidade.

No caso dos graffiti portugueses, Melo e Castro (1977, p. 53) aponta para a sobreposição palimpséstica de camadas de escrita e, conseqüentemente, a complexificação de sua leitura e interpretação:

Na série seguinte de fotografias dão-se alguns exemplos de intervenções gráficas sobre siglas de partidos inscritas nas paredes. Evidencia-se assim um desejo de contrariar ou anular a mensagem previamente escrita, mas tal não se revela possível. A inscrição passa a poder ler-se a vários níveis, ou seja, a mensagem original não é destruída e fica a revelar-se uma luta que a contraria.

A diferença de tintas e traçados deixa ver as camadas sobrepostas de mensagens que, ao fim e ao cabo, debatem o futuro de Portugal. São sedimentações de sentidos e ideologias que se deixam ver, dando ao espectador/leitor a possibilidade de jogar com os diferentes sentidos. As duas intervenções mais comuns são transformações de siglas de partidos políticos: o PCP – Partido Comunista Português – se torna “BOBO” e o CDS – Centro Democrático Social – é transformado em “008”². Em ambos os casos, trata-se de uma evidente zombaria dos partidos e de suas ideologias, respectivamente de esquerda e de direita. Uma das intervenções, no

² Para visualização dos graffiti aqui referidos, cf. o artigo original de Melo e Castro digitalizado e disponibilizado pelo portal *Po-ex.net* – Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/e-m-de-melo-e-castro-pode-se-escrever-com-isto/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

urbano. Mesmo nos graffiti em que a intenção política tende a simplificar a mensagem, as intervenções de outros grafiteiros estão sempre à espreita para apropriar e rasurar o original. A potência política e poética reside, enfim, no leitor: “O que é preciso é saber ler. E ler é antes de mais descobrir ou re-inventar o código de sua própria decifração da ferida, da marca, dos sinais inscritos na parede, em todas as paredes” (Castro, 1977, p. 48).

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. “Kool Killer ou a insurreição pelos signos”. In: *A troca simbólica e a morte*. Trad. Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 99-107.
- BESANÇON, Julien. *Journal mural mai 68: Sorbonne Odéon Nanterre etc.* Paris: Tchou, 1968.
- BRASSAÏ. “Du mur des cavernes au mur d'usine”. *Minotaure*, Paris, n. 3-4, décembre 1933. Disponível em: <https://membrane.tumblr.com/post/258400964/brassa%C3%AF-du-mur-des-cavernes-au-mur-dusine>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. “PO-EX: a poética como acontecimento sob a noite que o fascismo salazarista impôs a Portugal”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 131-155, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882014000100007>. Acesso em: 21 fev. 2023.
- CASTRO, E. M. de Melo e. *Antologia efêmera: poemas 1950-2000*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.
- CASTRO, E. M. de Melo e. *As vanguardas na poesia portuguesa do século vinte*. 2. ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa do Ministério da Educação, 1987.
- CASTRO, E. M. de Melo e. “Pode-se escrever com isto”. *Colóquio Artes*, Lisboa, n. 32, p. 48-61, 1977. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/e-m-de-melo-e-castro-pode-se-escrever-com-isto/>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- MADEIRA, Cláudia. “E. M. de Melo e Castro: ‘O laboratório artístico saltou para a rua em 1974!’”. *Cadernos de Arte Pública (CAP)*, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 8-11, 2019. Disponível em: <https://sauc.website/index.php/CAP/article/view/106/111>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- MAU, August. *Pompeii its life and art*. Trad.: Francis W. Kelsey. London: Macmillan, 1899.

